

Antônio Ribeiro da Rocha um nômade por natureza

>> **Rosi oliveira**
Especial para o DS

As pessoas que hoje moram em Tangará da Serra não imaginam o que aconteceu para que ela chegasse ao ponto que está. Não somos capazes de mensurar quantas vidas se perderam no difícil propósito de desbravar o desconhecido, e fazer de um simples povoado uma das maiores e mais significativas cidades do Mato Grosso. Desbravador, assim classificaremos nosso homenageado de hoje. Antônio Ribeiro da Rocha, era homem bastante sério chegando a ser sisudo e muito austero, segundo narrativas do filho mais velho, Avaídes Ribeiro, que nos conta a

trajetória de seu pai.

Ribeiro nasceu em 18 de junho de 1932 em Rio do Antônio, estado da Bahia em uma família bastante numerosa, onde conviveu com dezoito irmãos.

Segundo o filho, Ribeiro conheceu sua esposa também no estado da Bahia onde se casaram, mudando-se logo em seguida para São Paulo, onde passou a trabalhar em lavoura de café. “Meu pai após se casar com minha mãe mudou-se para São Paulo, pois agora com família as coisas ficavam mais puxadas e ele viu a necessidade de procurar melhora, uma vez que a região onde moravam não oferecia muitas oportunidades”.

Depois de certo tempo mudaram-se para o Mato Grosso do Sul. “Meu pai mudava muito! Nós éramos paupérrimos, talvez buscando a tão sonhada melhoria. Até hoje ainda não sei o porque de tantas mudanças”.

No Mato Grosso do Sul seu Ribeiro novamente buscou a lida do café, ramo que sabia de cor e salteado, mas agora era cultivo mesmo, plantar cuidar, ver crescer até o ponto de colher. “Chegando lá meu pai arrendou a terra de alguém e passou a plantar o café e entre as ruas de café plantava arroz, milho, feijão, fazendo a roça para sustento da família, onde o filho Avaídes era seu braço direito ajudando em todas os afa-



“Até hoje ainda não sei o porque de tantas mudanças”, disse o filho

zeres da roça.

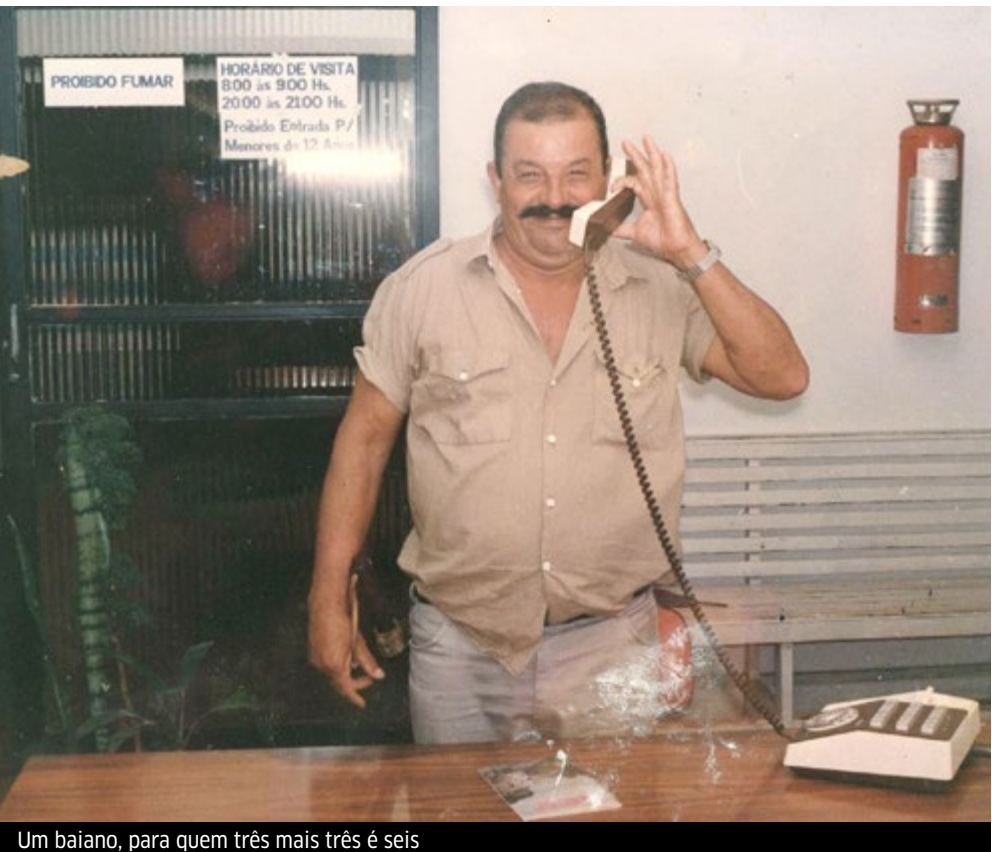
Após três anos ali Ribeiro resolveu mudar-se para Naviraí, onde mudou de profissão, passen-

do a derrubar mata, para que fosse formada roça, mas por mais uma vez, a mudança foi a saída, dessa vez para o Paraná, onde

também permaneceu por pouco tempo, mudando-se para o Mato Grosso, mais especificamente, Tangará da Serra.

VALENTE

Antônio fazia jus ao nome “Rocha”



Um baiano, para quem três mais três é seis

>> **Rosi oliveira**
Especial para o DS

“Após um tempo, viemos para Tangará, nosso transporte foi um carro chamado ‘Baleia. A gente subia nela para por as bagagens em cima, ali perdia as coisas pelo caminho, viajamos por três dias de Cuiabá até aqui, direto sem parada para dormir. Se tinha atoleiro? Misericórdia! Atoleiro era o que não faltava, tinha que vir calçando a roda com uma pedra bem grande para ela não deslizar. Ia cinco metros para frente e se não cal-

gasse voltava dez para traz, daí todo mundo descia com medo e também para ajudar. Nós não tínhamos mudança, arrumamos então nossas coisas em um saco de algodão, eram umas peças de roupas e calçados de meu pai, de minha mãe e de nós seis”, lembra Avaídes de como a família tinha a vida sofrida.

Mesmo vendo todo esse desespero e ouvindo as reclamações da esposa por ver o sofrimento dos filhos, seu Ribeiro era inarredável, queria chegar, custasse o que custasse. Segundo afir-

mativas do filho, Ribeiro era muito sério, bravo e muito impaciente. “Meu pai me batia com o ‘reio’ de bater nos animais eles tinham argolas que também acertavam minhas costas, todos nós trabalhávamos na roça, inclusive as meninas que não tinham nenhuma regalia e por várias vezes chegou a agredir a mãe”. Aqui seu Ribeiro foi trabalhar na antiga Serraria Dimba, onde beneficiava madeira e se apossou de dois terrenos que grilou, realizando sua abertura com foice e facão.

DURO

Antônio Ribeiro da Rocha um homem de palavra

>> **Rosi oliveira**
Especial para o DS

Certo dia foi procurado pelos responsáveis pela terra, que ficaram sabendo do que havia acontecido (grilagem da terra), que foram tentar um acordo para que ele pagasse os terrenos. “Meu pai saiu fervendo para cima deles e disse que não pagaria”.

Quando a mãe ficou sabendo da situação, disse aos senhores que procurassem o filho no Banco Financial onde Avaídes trabalhava, o que de pronto foi feito pelos dois e ali acordaram parcelas para que o filho pagasse.

Ao chegar em casa, contou que se não tivesse feito o acordo teriam as coisas jogadas no meio da rua, ao saber o pai não disse nada, pois criou os filhos de forma que em uma palavra empenhada não se voltava atrás.

Por sua severidade o filho disse que poucas vezes viu o pai sorrir, sendo isso por ele presenciado somente no dia em que uma das filhas foi pedida em casamento. “Você está casando com a filha de um homem, de um baiano, para quem três mais três é seis, toma cuidado!” . Daí ele sorriu.



Em uma palavra empenhada não se voltava atrás

Avaídes disse que muitas histórias o marcaram em relação ao pai, mas exista uma em especial, da qual se lembra com bastante tristeza.

“Um dia matamos um porco e enchemos as latas de banha e fomos vender, após a venda, ele pegou o dinheiro e foi para ‘casa das mulheres da vida fácil’, voltamos para casa sem a compra, quando minha mãe perguntou das compras ele pegou o ‘reio’ e partiu para cima dela, ela correu mas umas pegaram, ela esperou ele dormir porque estava bem bêbado para voltar para casa ficando escondida no mato. Ele

era difícil, minha mãe é uma heroína!”.

Seu Ribeiro se converteu a Cristo e trabalhou aqui em duas serrarias, também foi guarda de um hospital e por fim fazia transportes com uma carroça puxada por animal, sendo que seu passamento se deu após um dia de trabalho, ao soltar no pasto o animal recebeu uma descarga de raio que o matou imediatamente.

Por seu espírito desbravador teve seu nome dado a uma das ruas de Tangará da Serra, a conhecida Rua 09 A na realidade se chama Antônio Ribeiro da Rocha.

PROJETO
MEMÓRIA

COLETÂNEA DE REPORTAGENS PUBLICADAS NO DIÁRIO DA SERRA SOBRE TOFONÍDOS TANGARÁENSES

REALIZAÇÃO

Diário da Serra

O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA

APOIO

**SICREDI**

Gente que coopera cresce.

Unimed

Vale do Sepotuba

